



*Apostolado do Oratório – Meditação dos Primeiros
Sábados*

1º Mistério Glorioso – Maio – 2014



A Ressurreição de Nosso Senhor

Introdução

Vamos dar início à meditação reparadora dos primeiros sábados, que nos foi indicada por Nossa Senhora, quando apareceu em Fátima em 1917. Pedia Ela que

comungássemos, rezássemos um terço, fizessemos meditação dos mistérios do Rosário e confessássemos em reparação ao seu Sapiencial e Imaculado Coração. Para os que praticassem esta devoção, Ela prometia graças especiais de salvação eterna.

Amanhã, 3º Domingo da Páscoa, o Evangelho contempla a aparição de Nosso Senhor Jesus Cristo, depois de sua Ressurreição gloriosa, aos discípulos de Emaús. Ocasão propícia para que hoje meditemos no primeiro mistério glorioso.



Composição de lugar:

Como composição de lugar, devemos nos reportar ao primeiro século da era cristã e imaginarmos a desolação e angústia que reinavam entre muitos discípulos de Cristo pela sua Crucifixão e Morte.

Oração preparatória:

Mãe Santíssima, que em vosso Coração tivestes a alegria de contemplar a Cristo ressurrecto, nós Vos pedimos graças sobre graças para meditarmos com fruto este episódio da Ressurreição de Nosso Senhor. Vós que ressuscitastes dos mortos por mérito d'Ele e fostes assumta aos Céus, iluminai-nos com vossa luz gloriosa. Amém.

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas (24, 13-35).

Naquele mesmo dia, o primeiro da semana, dois dos discípulos de Jesus iam para um povoado, chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém. Conversavam sobre todas as coisas que tinham acontecido. Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus aproximou-se e começou a caminhar com eles. Os discípulos, porém, estavam como que cegos, e não O reconheceram. Então Jesus perguntou: “O que ides conversando pelo caminho?”

Eles pararam, com o rosto triste, e um deles, chamado Cléofas, Lhe disse: “Tu és o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que lá aconteceu nestes últimos dias?” Ele perguntou: “O que foi?” Os discípulos responderam: “O que aconteceu com Jesus, o Nazareno, que foi um Profeta poderoso em obras e em palavras, diante de Deus e diante de todo o povo. Nossos sumos sacerdotes e nossos chefes O entregaram para ser condenado à morte e O crucificaram. Nós esperávamos que Ele fosse libertar Israel, mas, apesar de tudo isso, já faz três dias que todas estas coisas aconteceram! É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deram um susto. Elas foram de

madrugada ao túmulo e não encontraram o Corpo d'Ele. Então voltaram, dizendo que tinham visto Anjos e que estes afirmaram que Jesus está vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas como as mulheres tinham dito. A Ele, porém, ninguém O viu". Então Jesus lhes disse: "Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram! Será que Cristo não devia sofrer tudo isso para entrar na sua glória?" E, começando por Moisés e passando pelos profetas, explicava aos discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito d'Ele. Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que ia mais adiante. Eles, porém, insistiram com Jesus, dizendo: "Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando!" Jesus entrou para ficar com eles. Quando se sentou à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o, e lhes distribuía. Nisso os olhos dos discípulos se abriram e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu da frente deles.

Então um disse ao outro: "Não estava ardendo o nosso coração quando Ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?" Naquela mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém onde encontraram os Onze reunidos com os outros.

E estes confirmaram: "Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!" Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como tinham reconhecido Jesus ao partir o pão (Lc 24, 13-35).

I – Um dos mais belos relatos do Terceiro Evangelho

A Liturgia de hoje nos leva a considerar a beleza da aparição de Jesus aos discípulos de Emaús. Nesta narração, ambos deixam entrever o quanto possuem um coração afetuoso, caritativo e generoso para com um desconhecido que os alcança pelo caminho. Eles não têm qualquer sombra de respeito humano em explicar ao "forasteiro" os principais aspectos da Vida, Paixão e Morte de Jesus, como o próprio desaparecimento de seu sagrado Corpo.

Consideremos o grande respeito que os três manifestam entre si nesse episódio, como também a elevação do tema por eles tratado. Tal convívio contrasta flagrantemente com a vulgaridade de quase a generalidade das conversas em nossos dias.

¹³ Naquele mesmo dia, o primeiro da semana, dois dos discípulos de Jesus iam para um povoado, chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém. ¹⁴ Conversavam sobre todas as coisas que tinham acontecido.

A beleza, o estilo e a delicadeza da narração nos põem diante dos nossos olhos um dos mais belos relatos do terceiro Evangelho. De outro lado, é ela uma excelente prova da Ressurreição de Jesus. Quanto à cidadezinha de Emaús, há uma dezena de hipóteses sobre sua real localização, e não se têm elementos para saber qual é a verdadeira. Guardemos apenas que a distância ficava a 11 quilômetros de Jerusalém.

Provavelmente esses dois discípulos, como também outros, haviam se deslocado para Jerusalém a fim de cumprir os ritos pascais e, depois de visitarem os Apóstolos, retornavam as suas cidades de origem.

Alguns Padres da Igreja levantam a hipótese de ser o próprio São Lucas um deles,

e assim se entenderia melhor o motivo pelo qual ele não quis mencionar o nome do segundo discípulo.

I – Quando dois ou mais estiverem em meu nome...

¹⁵ Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus Se aproximou e começou a caminhar com eles.

O Divino Mestre havia prometido, em vida, que estaria presente quando dois ou mais estivessem reunidos em seu nome (cf. Mt 18, 20), verificamos aqui o cumprimento da sua promessa. A conversa entre ambos que tinha algo de oração pelo tema tratado e como era tratado, foi o fator que atraiu o Redentor a Se agregar a eles.

É interessante notar o agrado de Jesus junto aos dois, bem como o recíproco intuito apostólico de lado a lado. Um dos intentos do Divino Mestre era o de robustecer a fé de seus discípulos. Por isso, operando de maneira oculta, “Se aproximou e começou a caminhar com eles”.

II – Nosso Senhor trata de dar ânimo e robustecer a fé dos

discípulos

¹⁶ Os discípulos, porém, estavam como que cegos, e não O reconheceram. ¹⁷ Então Jesus perguntou: “O que ides conversando pelo caminho?” Eles pararam, com o rosto triste...

Sendo Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo conhecia perfeitamente o desânimo que atingia aos dois discípulos de Emaús; porém ele perguntou o que iam conversando para dar início ao diálogo e ter oportunidade de animá-los mais diretamente.

Cabe aqui a pergunta: Quantas vezes em nossa vida, não terá Jesus Se aproximado de nós para nos reanimar?!

¹⁸ ...e um deles, chamado Cléofas, Lhe disse: “Tu és o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que lá aconteceu nestes últimos dias?”

Era de fato incompreensível que um judeu vindo de outras províncias não tivesse conhecimento, ao passar por Jerusalém, dos últimos grandes acontecimentos ali sucedidos. A ressurreição de Lázaro, a expulsão dos vendilhões do Templo, um número incontável de milagres, as arrebatadoras pregações de Jesus e, sobretudo, sua prisão, condenação e Crucifixão, o escurecimento do céu, o tremor da terra, o véu do Templo que se rasgou, o caminhar dos justos ressuscitados que haviam saído de seus túmulos — esses eram fatos suficientes para agitar a opinião pública. Não havia outro tema para se considerar senão esse, daí a surpresa manifestada por Cléofas.

¹⁹ Ele perguntou: “O que foi?” Os discípulos responderam: “O que aconteceu com Jesus, o Nazareno, que foi um Profeta poderoso em obras e em palavras, diante de Deus e diante de todo o povo. ²⁰ “Nossos sumos sacerdotes e nossos chefes O

entregaram para ser condenado à morte e O crucificaram”.

1 – Porque eu sou manso e humilde de coração...

Eles narram os fatos com o coração nos lábios e, apesar de extremamente chocados com as atitudes das autoridades religiosas e civis, em nenhum momento manifestam desrespeito ou revolta. Tal respeito é fruto dos próprios ensinamentos de Cristo: *“Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração (...)”* (Mt 11, 29).

²¹ “Nós esperávamos que Ele fosse libertar Israel, mas, apesar de tudo isso, já faz três dias que todas estas coisas aconteceram!”

O verbo esperar, empregado no passado, dá bem ideia da decepção na qual se encontravam os dois discípulos. Muitos judeus acreditavam que o Messias os libertaria do domínio romano. Mas Jesus foi claro em suas pregações: *“Meu reino não é desse mundo!”* (Jo 18, 36).

Imaginando que Cristo fosse destinado a ser um rei terreno, para eles era dificultoso admitir que Ele não tivesse poder para libertar-Se da sentença de morte. Porém, apesar de estarem com a virtude da fé um tanto abalada, algo lhes dizia, no fundo das suas almas, que o que havia acontecido não era o fim.

²² “É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deram um susto. Elas foram de madrugada ao túmulo ²³ e não encontraram o Corpo d’Ele. Então voltaram, dizendo que tinham visto Anjos e que estes afirmaram que Jesus está vivo. ²⁴ Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas como as mulheres tinham dito. A Ele, porém, ninguém O viu”.

É patente o quanto a tristeza, a perplexidade e até a perturbação penetravam o fundo de suas almas. Narram os últimos acontecimentos desprovidos de certeza. Com a trágica Morte do Divino Mestre, raciocinando de forma humana, todas as esperanças haviam terminado, por mais que as melhores testemunhas afirmassem ter desaparecido seu Corpo. O próprio São Paulo diria mais tarde: *“Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé”* (I Cor 15, 14).

Mas a prova de sua Ressurreição ainda não havia se manifestado oficialmente. Assim sendo, como poderiam acreditar só nas palavras dos profetas e do próprio Jesus? Sendo afirmações e promessas feitas por Deus, era preciso admiti-las com toda a certeza. Mas a fé e a inteligência dos discípulos de Emaús estavam obscurecidas.

²⁵ Então Jesus lhes disse: “Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram! ²⁶ Será que Cristo não devia sofrer tudo isso para entrar na sua glória?”

2 – Não se pode duvidar da palavra do Senhor

Sim, era-lhes necessário crer na Escritura, como São Pedro diria mais tarde: “*Antes de tudo, sabeis que nenhuma profecia da Escritura é de interpretação pessoal. Porque jamais uma profecia foi proferida por efeito de uma vontade humana. Homens inspirados pelo Espírito Santo falaram da parte de Deus*” (II Pd 1, 20-21). Por isso, mais vale crer no testemunho dos profetas do que em nossos sentidos. Sobretudo, não podia pairar a menor sombra de dúvida na palavra do Senhor, que permanece eternamente (cf. I Pd 1, 25).

²⁷ E, começando por Moisés e passando pelos profetas, explicava aos discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito d’Ele.

Pode-se conhecer a Sagrada Escritura de cor, isso não significa que a pessoa irá aplicá-la adequadamente à sua vida. Os discípulos de Emaús conheciam aquelas citações, nada era novo para eles. Porém Jesus as interpretou de forma magistral, e aí está a grande diferença. Como seria bom se pudéssemos estar ali, ouvindo as explicações de Nosso Senhor. Que grande privilégio o daqueles dois! Decerto, o Divino Mestre deve ter-lhes demonstrado, através de luminosas palavras e de especiais graças, o conceito equivocado de que Ele viera expulsar os dominadores e restabelecer o reino de Israel.

²⁸ Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus lhes disse que ia continuar o caminho. ²⁹ eles, porém, insistiram com Jesus, dizendo: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando!” Jesus entrou para ficar com eles.

O quão delicado e didático foi Nosso Salvador ao fazer dizer que ia adiante. Desta forma, incentiva-os não só a convidá-Lo a permanecer com eles, como também a darem o devido valor à sua companhia. Eles O convidam e até insistem, apresentando como argumento a hora tardia. Exemplo para nós: quando rezamos, trata-se de usar de pertinácia, de insistência, pois, dessa forma, “Jesus entrará para ficar conosco”. Caso contrário, corremos o risco d’Ele seguir adiante.

II – Conclusão

³⁰ Quando se sentou à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o, e lhes distribuiu. ³¹ Nisso os olhos dos discípulos se abriram e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu da frente deles.

Terá Jesus, nessa hora, operado a transubstanciação? Eis uma questão muito debatida nos séculos XVI e XVII, entre duas correntes teológicas. Uma conclusão clara a esse respeito ainda está por se fazer. Entretanto, por mais que não se tivesse dado a Consagração Eucarística, ela estava ali figurada. E é indiscutível ser esse Sacramento fundamental para nos fortalecer na fé e fazê-la crescer, sobretudo a respeito do mistério da Fé (*mysterium fidei*) que a Paixão e a Ressurreição do Redentor. A Eucaristia nos dá a vida sobrenatural, que tem seu fundamento na fé. Crer na Ressurreição de Cristo é absolutamente necessário para nossa salvação, e sem essa crença é impossível nosso

próprio progresso na vida espiritual. Quanto mais se torne efetiva e robusta nossa fé em Cristo ressurrecto, maior será nosso afervoramento e união com Ele, como também mais superabundantes serão os frutos dessa belíssima festa instituída pela Santa Igreja.

³² Então um disse ao outro: “Não estava ardendo o nosso coração quando Ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?” ³³ Naquela mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém onde encontraram os Onze reunidos com os outros. ³⁴ E estes confirmaram: “Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!” ³⁵ Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como tinham reconhecido Jesus ao partir o pão.

Os versículos finais nos retratam com muita viveza e piedade os efeitos dessa primeira aparição de Jesus a dois fiéis da Igreja nascente, sendo especialmente digno de nota o testemunho da ação da graça mística nas almas de ambos, enquanto Jesus lhes discorria sobre as Escrituras.

Deus alegra-se muito quando estudamos a sua palavra com interesse e piedade. É um conhecimento que nos faz, sem dúvida, crescer no amor a Ele.

Oração final:

Ó Deus, que Vos dignastes alegrar o mundo com a ressurreição de vosso Filho Jesus Cristo, Senhor nosso, concedei-nos, Vo-lo suplicamos, que por Sua Mãe, a Virgem Maria, alcancemos os prazeres da vida eterna. Pelo mesmo Cristo, Nosso Senhor. Amém.



“Apostolado do Oratório – Devoção dos Primeiros Sábados”

Informativo destinado aos Supervisores dos grupos do Apostolado do Oratório

Sede do Apostolado do Oratório

Rua Francisca Júlia, 182 – CEP 02403-010 – São Paulo/SP

Telefone: (11) 2973-9477

E-mail: oratorio.secretaria@arautos.com.br ou admoratorio@arautos.org.br